

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**RELAÇÃO ENTRE A REDES DE SOCIABILIDADE E A PRODUÇÃO REGIONAL NA
AMAZÔNIA NOS SISTEMAS TERRITORIAIS URBANOS-RIBEIRINHOS – (STUR) EM
PARINTINS-AM.**

ITACINARA PAULAIN SMITH

**PARINTINS-AM
2025**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**RELAÇÃO ENTRE A REDES DE SOCIABILIDADE E A PRODUÇÃO REGIONAL NA
AMAZÔNIA NOS SISTEMAS TERRITORIAIS URBANOS-RIBEIRINHOS – (STUR) EM
PARINTINS-AM.**

ITACINARA PAULAIN SMITH

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia, como requisito para a obtenção de Título de Licenciatura em Geografia, sob a orientação do Professor Dr. Estevan Bartoli.

**PARINTINS-AM
2025**

RELAÇÃO ENTRE A REDES DE SOCIABILIDADE E A PRODUÇÃO REGIONAL NA AMAZÔNIA NOS SISTEMAS TERRITORIAS URBANOS-RIBEIRINHOS – (STUR) EM PARINTINS-AM.

Itacinara Paulain Smith¹
Estevan Bartoli²

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise da relação entre região, regionalização e os sistemas territoriais, considerando o processo urbano e a produção de moradias como mediador entre cidade e territórios. O objetivo é de analisar as redes de sociabilidades de sujeitos da economia popular de Parintins, visando relacionar tais territorialidades à reflexão sobre a questão regional e os sistemas territoriais, a partir do desenvolvimento de metodologias com abordagens quanti-qualitativa, com a aplicação de pesquisa exploratória, com perguntas abertas e fechadas, que abordou os seguintes aspectos: Perfil Socioeconômico e moradia, Rede de Sociabilidade e Circuitos de Pesca. A pesquisa destaca o depoimento de dois munícipes moradores do Beco Submarino, Bairro da Francesa, da Cidade de Parintins-AM, com foco na rede de sociabilidade e territorialidades de setores populares, do comércio popular e a partir da pesca. A região como a de Parintins (AM), é marcada pela diversidade de paisagem, lugares únicos e distintos territórios e territorialidades, e a economia gira em torno de vários setores, como a pesca por exemplo. Por fim, conclui-se que a análise evidencia a dinâmica urbano regional na Amazônia, e as territorialidades de setores populares tornam-se elementos imprescindíveis para que ocorra a conexão entre os territórios do entorno

Palavras-Chave: Desenvolvimento Regional; STUR; Territorialidade; Rede de Sociabilidade.

1 INTRODUÇÃO.

O processo urbano na Amazônia tem ocorrido em uma velocidade acima da média nacional, trazendo desafios em diversas frentes, desde a criação de empregos, problemas ao meio ambiente e a produção de moradias, foco deste trabalho.

O beco Submarino, passou a ser ocupado há mais de sessenta anos e faz parte do Bairro de Francesa. De acordo com Souza (2013, p. 56), “a ocupação inicial da área urbana de Parintins até a década de 1960 ocorreu simultaneamente na área central”. A malha urbana se desenvolveu inicialmente para o lado oeste (Bairro São Benedito), em seguida para o lado leste (Bairro da Francesa).

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. E-mail: ips.geo22@uea.edu.br

² Professor Dr. em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. E-mail: ebartoli@uea.edu.br

De acordo com Souza (2013, p.58) “a primeira explosão demográfica urbana, ocorreu em 1975, após a segunda maior enchente do rio Amazonas, em que 13,45% dos ribeirinhos se mudaram para cidade”. Após esse ocorrido, muitas pessoas vieram para a cidade de Parintins, em busca de melhores condições de vida, fenômeno característico do êxodo rural.

A ocupação do Bairro da Francesa, ocorreu de forma desordenada, e por diversas razões. Conforme Souza (2024, p. 116), “esse processo atingiu principalmente as áreas mais baixas do relevo da cidade e posteriormente se expandiu para as outras áreas ocupadas”. O espaço central da cidade, ou seja, as primeiras ruas, localizam-se nas terras mais alta, e o beco Submarino, fica no setor mais baixo. A cidade de Parintins, é uma porção de terras, cercadas por uma rede de lagos, que compõem o arquipélago de Tupinambarana (Souza, 2020, p.80). Com isso, muitos procuram construir suas moradias nessas áreas, por não encontrarem outro local disponível.

Nesses trechos mais baixos da cidade, os moradores enfrentam certos transtornos, principalmente em decorrência da sazonalidade do Rio Amazonas e dos demais corpos hídricos que circundam o arquipélago. A fim de reduzir esses transtornos, os moradores do beco Submarino residem em palafitas, mas existem exceções, uma vez que, a casas construídas em alvenaria sob terrenos aterrados. O esgoto é a céu aberto, e é um desafio, pois compromete o bem-estar destes moradores. A água encanada e a coleta de lixo, é regular. Os moradores que lá residem, em sua maioria são provenientes de diversos municípios. De acordo com Souza (2024, p. 184):

A maioria dos informantes é do município de Parintins, com 30% (26 pessoas) da zona rural e 36% (32 pessoas) da zona urbana. Além disso, 14% informaram ser emigrantes do estado do Pará que residem em Parintins. Os residentes originários de Nhamundá e Barreirinha representam 5% (4 pessoas) e 6% (5 pessoas) dos moradores, respectivamente. Itacoatiara e Urucurituba, municípios do Amazonas, compõem 2% cada (2 pessoas) dos moradores abordados. Da capital, Manaus, obtivemos 4% das respostas (4 pessoas), enquanto de Tabatinga, apenas 1% (1 pessoa). Esses dados sugerem uma tendência de migração interna no estado e interestadual.

A hipótese é de que, em casos de análises que considerem as dinâmicas urbano-regionais na Amazônia, as territorialidades de setores populares, torna-se um elemento imprescindível. No contexto de cidades com intensas dinâmicas fluviais e ribeirinhas como (Nhamundá, Barreirinha, no estado do Amazonas e as cidades de Juruti, Óbidos, no estado do Pará) por exemplo, a análise do Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho – STUR, (Bartoli, 2017, p. 10), “constitui-se com subsistema mediador na cidade”. Os municípios fronteiriços da cidade de Parintins, possuem uma certa ligação, principalmente a econômica, visto que, muitos munícipes

se deslocam diariamente, até a sede do município, em busca da venda de seus produtos, e da compra de produtos industrializados.

O caso específico do (Entrevistado 2), foi o que nos levou a estudar a relação da rede de sociabilidade do referido pescador - um empresário do ramo da pesca. Uma vez que, ao sair para sua pescaria, a articulação ocorre somente entre um pequeno grupo, que seria os seus funcionários. E, ao chegar nesses municípios, essa articulação ocorre somente com os atravessadores, e passa a ocorrer a desconexão com o município de Parintins, quanto a desarticulação com esses municípios.

O referido pescador possui articulações diferentes entre grupos e/ou classes sociais, definindo seu próprio contexto regional. É uma das consequências de se trabalhar com a articulação regional do espaço via processos de “exclusão” territorial.

O objetivo geral é descrever e analisar as redes de sociabilidade de sujeitos da economia popular de Parintins, visando relacionar tais territorialidades à reflexão sobre a questão regional e os sistemas territoriais, adota-se a estratégia da análise quanti-qualitativa de duas redes de sujeitos.

Os objetivos específicos são: aprofundar elementos situacionais sobre as forças que “impulsionam” ou atraem sujeitos ao realizarem deslocamentos na sub-região.

No tópico 2, realizou-se as reflexões sobre a relação entre Região e as cidades. Prosseguimos com os estudos sobre os elementos teórico-conceituais sobre região e sua relação com as cidades, com a finalidade de debater a relação com as redes de sociabilidades, interpretadas posteriormente como territorialidades urbano-ribeirinhas.

No tópico 3, abordou-se a trajetória de vida dos entrevistados na cidade de Parintins. O primeiro entrevistado, tratou-se da rede de sociabilidade a partir do comércio popular, onde o entrevistado, possui um box no mercado, na qual vende uma variedade de produtos regionais. O segundo entrevistado, discorreu-se sobre a Redes de sociabilidades a partir da pesca, e a obtenção de renda através dessa prática, realiza pescarias nos lagos da região e as vende para os municípios ao longo do rio Amazonas (Urucará, Itacoatiara e Manacapuru) e para o município de Barreirinha, que fica no Paraná do Ramos.

A pesquisa proporcionou uma experiência inovadora em busca de produção do conhecimento, além da probabilidade de confirmação das hipóteses levantadas, por conseguinte o alcance dos resultados que contribuirão para o estudo do Sistema Territorial Urbano Ribeirinho – STUR, a partir da rede de sociabilidade e produção regional da Amazônia, entre o urbano ribeirinho e a cidade de Parintins-AM.

1.1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa, se classifica como estudo de caso exploratório, com abordagem quanti-qualitativa. O método aplicado se baseia na pesquisa exploratória, conforme defendido por Lima e Moreira (2015, p. 31) “a pesquisa qualitativa, ao buscar a compreensão detalhada dos significados e características situacionais do problema ou objeto investigado, permite o aprofundamento e complexificação do fenômeno investigado”.

O estudo para a realização desse trabalho, usou a abordagem mista para aprofundar o entendimento sobre a rede de sociabilidades dos entrevistados, moradores do beco Submarino, Bairro da Francesa em Parintins-AM. Foram realizadas as entrevistas com os selecionados pelo tempo de moradia no beco, um morador antigo e um morador mais recente.

As entrevistas acometeram temas como a rede de sociabilidade Urbano-Ribeirinho, com as cidades circunvizinhas e as comunidades rurais do município de Parintins. Além disso, foram analisadas produções acadêmicas sobre a cidade de Parintins e da Amazônia. Essa produção inclui artigos, sites oficiais com reportagens, teses e dissertações.

Para alcançar esses dados, utilizou-se a aplicação de questionários, com perguntas abertas e fechadas, que abordou os seguintes aspectos: perfil socioeconômico e moradia; rede de sociabilidades; circuitos da atividade de pesca.

Com a seleção dos dados e a interpretação dos resultados, buscou-se elaboração de mapas temáticos, para uma representação espacial do Beco Submarino, no Bairro da Francesa na cidade de Parintins, e o trajeto realizado pelo entrevistado 2, em sua pescaria, através das ferramentas do Google Earth Pro, e QGIS.

Os dados obtidos, por meio dos questionários foram organizados no Microsoft Word, e preenchidos manualmente, depois digitalizados, em seguida transcritas todas as respostas, na qual identificamos os moradores como: entrevistados 1 e entrevistado 2. Antes de iniciarmos as entrevistas, realizamos uma visita ao beco Submarino, a fim de conhecer o local da pesquisa e tudo foi registrado através de fotografias e anotações.

2. RELAÇÃO ENTRE REGIÃO, REGIONALIZAÇÃO E OS SISTEMAS TERRITORIAIS URBANO-RIBEIRINHOS

Para entendermos a relação entre região, regionalização e os sistemas territoriais urbanos-ribeirinhos, precisamos nos ater ao conceito de região. De acordo com Bernardes (2020, p. 286 apud Santos, 1985, p. 90) afirma que: “a região se definiria com o resultado das

possibilidades ligadas a uma certa presença de capitais fixos exercendo determinado papel ou determinadas funções técnicas do seu funcionamento econômico, dada pela rede de relações”. Na obra “Espaço e método” por Santos (1985), apontou que região é um espaço vetorial para o lugar definido por um determinado grupo, onde os fluxos estabelecem sua individualidade com relação a outros espaços vetoriais.

Outro expoente dos estudos regionais, o geógrafo estadunidense Richard Hartshorne, que pertence a corrente de abordagem sistemática e regional da geografia, contribuiu para o desenvolvimento do conceito de que a geografia deveria se preocupar com o inter-relacionamento de fenômenos. Coscioni (2015), afirma que:

Na geografia regional, o conhecimento do inter-relacionamento de fenômenos que constitui a diferenciação de área da superfície terrestre, que é o objetivo central da geografia para Hartshorne, deve se particularizar, descrevendo e explicando como esse inter-relacionamento contribui para produzir configurações geográficas em áreas específicas do mundo. (Coscioni, 2015, p. 21)

Para que o geógrafo regional, consiga estudar uma determinada área, se faz necessário que ocorra a divisão dessa área. Em seguida observar a dinâmica, o fluxo de pessoas, diferenciando os elementos que colaboram para configurar a geografia de uma determinada área e o que as distinguem das outras.

Para Costa (2010), a região é vista como um *artefato*:

A região vista como *artefato* é concebida no sentido de romper com a dualidade que muitos advogam entre posturas mais estritamente realistas e idealistas, ‘construto’ ao mesmo tempo de natureza ideal-simbólica (seja no sentido de uma construção teórica, enquanto representação do espaço, seja de uma construção identitária a partir do espaço vivido) e material-funcional (nas práticas econômico-políticas com que os grupos ou classes sociais constroem seu espaço de forma desigual/diferenciada). (Costa, 2010, p. 109).

Costa (2010), considera a região como *artefato*, em virtude de muitos possuírem a visão duplicada entre realista e idealista, entre o concreto e o teórico, ou seja, a região é um produto e ao mesmo tempo produtora, o que a difere dos processos de globalização e o desmembramento da presente circunstância econômica e social.

E nesse processo de deslocamento, a relação do indivíduo com a região, seria o espaço-momento, que dependeria das articulações dos grupos sociais, na qual o sujeito estivesse inserido ligada a novas concepções da geografia de desterritorialização. Costa (2010), afirma que:

A região pode ser vista como um “espaço-momento” cuja diferenciação resulta muito mais da efetiva articulação espacial em rede, complexa, amplamente aberta à transformação, cuja dominância em termos de densidade, disposição e dimensão

espaciais (econômica, política, cultural ou “natural”) dependerá dos grupos sociais e do contexto geo-histórico em que estiver inserida. (Costa, 2010, p. 196),

Os grupos sociais, que vivem em uma determinada região, pertencem a uma rede complexa e amplamente aberta à transformação, e o seu desenvolvimento dependerá dos grupos sociais que estiverem inseridos.

Avanços em pesquisas relacionadas às dinâmicas populares tem ocorrido em cidades da Amazônia, Bartoli (2017, 2022, 2024) tem averiguado como as populações recentemente migradas para Parintins e pequenas cidades do entorno, têm reconstruído territorialidades na relação cidade-entorno.

Bartoli (2022, p. 48), constata que “[...] a situação sub-regional parintinense [...] cuja constatação da existência de um *milieu urbano-ribeirinho* portador de enorme densidade de relações territoriais”. Os urbanos-ribeirinhos parintinenses que moram nas proximidades dos rios, possuem relações tanto políticas, quanto econômicas, sociais ou culturais com indivíduos ou grupos, que convivem nas proximidades ou na sede do município.

A análise de novas centralidades multidimensionais e dinâmicas escalares que incluem as territorialidades das famílias “urbano-ribeirinhas”, consideram desde suas relações umbilicais com interiores, aldeias comunidades e vilas até as beiras de rio e os múltiplos modais de moradias situadas em palafitas até as embarcações. (Bartoli, 2022, p. 48).

O que podemos observar, na região como a de Parintins (AM) é marcada pela diversidade de paisagens, lugares únicos e distintos territórios e territorialidades, com suas próprias especificidades, que se tornam lugares diferenciados das demais regiões, devido às articulações fluviais e ribeirinhas. De acordo com site da Sema (2025). além do entorno da cidade como Áreas de Proteção Ambiental próximo ao município de Parintins, como a APA Nhamundá (Nhamundá e Parintins), a APA Guajuma (Nhamundá); Terras Indígenas, Unidades de Conservação Estadual e Territórios Quilombola.

A pesca comercial no município de Parintins, é uma das atividades mais utilizadas pelos munícipes, faz parte da dieta básica da população. Com o passar dos anos houve uma crescente pressão ao estoque natural, apesar da influência urbana, não houve alteração quanto a rusticidade e condições de pobreza dos pescadores. Em contraposição, aos avanços na pesca comercial são perceptíveis, barcos de grandes calados, longos alcances, melhoria nos apetrechos (rede, canoas motorizadas). Os fatores enumerados no modelo STUR, descreve as ações condicionantes que coligam as redes de sujeitos nos sistemas territoriais aos seus entornos. (Bartoli, 2019, p. 45)

De acordo com Bartoli (2019), a força centrífuga do STUR:

A força centrífuga do STUR é aquela relativa à busca do complemento dual: economia mercantil dominante influenciando a popular (usufruindo e de certa forma moldando a atividade da navegação) e compondo parte expressiva da economia urbana. A estrutura da cidade propicia condições para práticas espaciais fornecendo base de ação para que sujeitos atinjam localidades cada vez mais distantes, distribuindo assim produtos industrializados. (Bartoli, 2019, p. 43)

Com relação a força Centrípeta no STUR, Bartoli (2019), afirma que:

Já a força centrípeta no STUR consiste no movimento contínuo de populações que: a) migram na busca de benesses que a cidade oferta, como no acesso a serviços, instituições de fomento, ensino, saúde, bancos, mercados e tantas outras “facilidades” urbanas, indutoras de novos contextos de inserção de sujeitos que passam a reordenar territórios. b) necessitam “absorver” recursos dos interiores para complementar renda: madeira para moradia popular, barcos ou para pequena indústria moveleira; peixes para alimento ou processamento (abastecendo o capital mercantil de entrepostos e frigoríficos da cidade); palha; piaçava; carne de caça ou quelônios, pequenas produções de gado etc. (Bartoli, 2019, p. 43)

Portanto, mesmo com as contribuições do modelo teórico STUR, é necessário que cada situação social, relacionada às redes familiares e/ou de sociabilidades, nos forneçam bases mais precisas de entendimento que cada situação social comporá as territorialidades. As forças centrífugas e centrípetas só são passíveis de análise em contextos particulares.

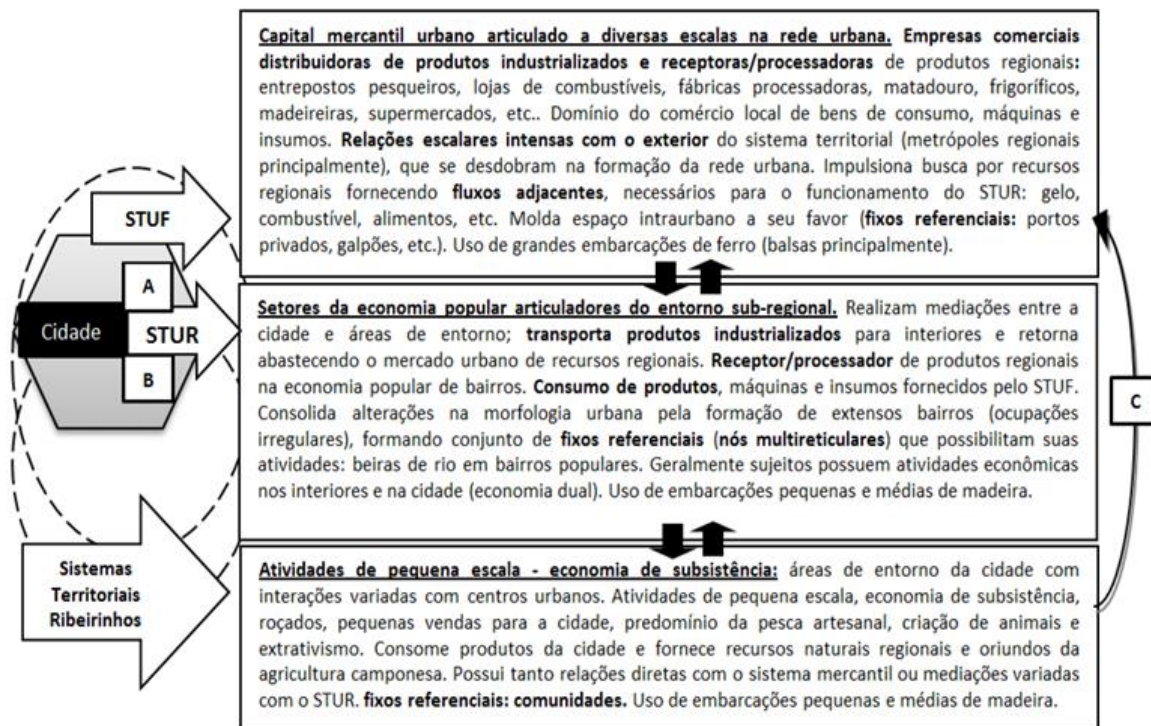
Tanto quanto reconhecer a articulação (regional) dos espaços, cabe a nós avaliarmos as consequências dessa desarticulação que está ocorrendo, em consequência da comercialização do pescado, a partir das práticas espaciais de um pescador de Parintins, realizando sua pescaria em outras regiões do estado. Não temos dados concretos ainda para essa hipótese, se ocorre impacto ou não junto aos pescadores dessas regiões invadidas.

Com relação ao Capital mercantil urbano, articulado a diversas escalas na rede urbana, as redes analisadas, possuem uma relação com o exterior do sistema territorial, principalmente no que diz respeito a busca por recursos regionais. De acordo com Bartoli (2017; 2018a, p. 4/16):

Nesse contexto, diversas cidades vieram desenvolvendo sistemas territoriais a partir de frações do capital mercantil associadas a setores da chamada economia popular, utilizando as cidades enquanto nós multireticulares para extração (com raros processamentos), de recursos regionais. Ao mesmo tempo, são distribuidoras de diversos produtos industrializados para áreas interioranas, sendo alguns essenciais para que o sistema territorial funcione como no caso do comércio de alimentos e combustíveis.

Em convergência às atividades de pequena escala – economia de subsistência, ocorrem interações com os territórios circunvizinhos e com o entorno da cidade, formando uma rede urbana regional. Segundo a (Figura 1) de Bartoli (2017; 2018a):

Figura 1 – Fluxograma resumo das interações entre sistemas territoriais mediadores da influência urbana.



Fonte: Bartoli (2017; 2018a).

3 TRAJETÓRIAS DE VIDA E A CIDADE.

O Beco Submarino (Figura 2), sinalizado na cor azul, localiza-se no Bairro da Francesa, é um dos fragmentos intraurbanos da sede, que sofre com as inundações nos meses de maio, junho e julho, especialmente pela proximidade com a Lagoa da Francesa, cuja planície de inundação³, recebe as águas do Rio Amazonas e do lago do Macurani.

³ A planície de inundação é a faixa do vale fluvial composta de sedimentos de sedimentos aluviais bordejando o curso de água, e periodicamente inundada pelas águas de transbordamento provenientes do rio (Chistofolletti, 1980, p.76)

Figura 2– Cidade de Parintins – Beco Submarino.



Fonte: IBGE (2024), SIRGAS2000, Google Satélite. Data: 29/09/2025. Organizado por: Itacinara P. Smith

A (Figura 3) apresenta o beco Submarino, sinalizada, na cor amarela, demarcando a sua extensão. Os entrevistados foram representados com os marcadores nas seguintes cores: na cor vermelha a residência do Entrevistado 1 e na cor amarelo a residência do Entrevistado 2.

Figura 3 – Localização do beco Submarino



Fonte: Google Eart.Pro - Data: 22/08/2025. Organizado por: Itacinara Paulain Smith

O regime fluviométrico da Lagoa da Francesa, segue a variação de nível do rio Amazonas. De acordo com Marques (2017, p. 59) “o rio Amazonas começa a subir em novembro/dezembro e vai até junho/julho. Já a vazante começa em julho/agosto e se estende

até outubro/novembro”. O ciclo das águas, ocasiona um certo transtorno aos moradores, em decorrência desse fenômeno natural.

A Lagoa da Francesa, Segundo Souza (2017, p. 39), cita uma entrevista do ex-prefeito Benedito Azêdo (1973-1977), “descrita no livro Histórias e Memórias Políticas do Município de Parintins (2012) retrata que a Francesa era dedicada às lavadeiras e servia de ancoradouro de pequenos barcos, a água era limpa e servia a diversos fins”. Nesse contexto histórico, a Lagoa da Francesa era totalmente diferente, suas águas eram limpas, as lavadeiras lavavam as suas roupas e os moradores a utilizavam como balneário. No início, era difícil a atracação das embarcações, por isso iniciou a construção do calçamento da orla, a fim de facilitar o embarque e o desembarque dos passageiros.

Na década de 1980, ocorreu a construção da escadaria da Francesa, na qual proporcionou aos transeuntes uma maior mobilidade, ocasionando a transformação socioespacial do local, com a inserção de novos elementos. (Souza, 2017, p. 39).

Ao analisarmos o beco Submarino (Figura 4), por ficar próximo a orla da Lagoa da Francesa, as casas são de palafitas, em decorrência disso o saneamento básico é inadequado.

Figura 4 – Beco Submarino (Bairro Francesa)



Fonte: Pesquisa de Campo (07/2024). Registro Fotográfico de Adailson de Souza.

3.1 A rede de sociabilidade a partir do comércio popular

A primeira pessoa entrevistada foi o Sr. M. V. S. (onde passaremos a citá-lo como Entrevistado 1), tem 65 anos de idade e possui oito filhos. Vive no beco Submarino há mais de trinta anos, com sua esposa e filhos. A sua residência é de palafita e ampla, possui seis quartos, cozinha, sala de estar e um banheiro interno, onde residem hoje, 21 pessoas. (o entrevistado, sua esposa, cinco filhos, genros, noras, netos, e a esposa de um neto). Observamos aí o déficit habitacional na cidade de Parintins.

De acordo com Souza (2024, p. 103), “[...] o processo urbano tem movido a produção de habitações informais que desempenham um papel significativo na preservação das características do icônico tipo de moradia conhecido como palafita”. Na cidade de Parintins, os bairros que ficam próximos às margens dos rios, as moradias são construídas dessa forma.

Proveniente da Comunidade São Pedro do Rio Uaicurapá, zona rural do município de Parintins. O entrevistado 1, por fazer parte de uma família numerosa, seus parentes criaram uma vila no Rio Uaicurapá, denominada de Vila Santana.

O Entrevistado 1, possui uma renda média mensal de R\$1.750,00 (um mil, setecentos e cinquenta reais), resultante da venda de seus produtos em seu box na Feira do Bagaço⁴. A sua esposa, a senhora M P. S. tem 61 anos de idade é aposentada, recebe um salário-mínimo R\$1.518,00 (um mil, quinhentos e dezoito reais). Dos cinco filhos que residem com o casal, até o momento da entrevista, somente uma filha e um filho trabalhavam com carteira assinada, ambos eram funcionários no ramo do varejo nas lojas do município. Todos eles recebem o auxílio estadual, no valor de R\$-150,00 (cento e cinquenta reais) mensal.

Informou que ao todo, possui seis irmãos, sendo que na cidade de Parintins, moram três (duas irmãs e um irmão), ambos aposentados. Possuem residência própria, no Bairro de Paulo Corrêa e os outros três irmãos, moram na Vila Santana, no rio Uaicurapá, na zona rural de Parintins. Perguntamos ao entrevistado, sobre a frequência dos contatos com os irmãos, nos informou, que possui contato diário com as duas irmãs que moram na cidade, a respeito dos outros irmãos, não fala com tanta frequência. Perguntamos também, quanto ao seu deslocamento intraurbano, nos informou que quando é preciso sair para um lugar mais distante, utiliza os serviços de moto táxi, e quanto ao deslocamento é mais próximo, como o seu box por exemplo, faz uso da bicicleta.

Nos informou ainda, que até a presente data⁵, somente três filhas possuem a casa próprias. Uma reside no Bairro de Pascoal Alágio, uma no Bairro São Benedito, e a outra no beco Submarino. Os outros filhos, moram no andar superior da residência. E essa dinâmica é comum no beco Submarino, várias residências abrigam mais de uma família.

O Entrevistado 1, não possui terreno e nem residência na zona rural, mas dispõe de uma rede de sociabilidade com as comunidades circunvizinhas. Os indivíduos que moram nessas localidades, trazem produtos variados, em troca de roupas, por exemplo. Os produtos mais utilizados nessas trocas são a farinha e outros produtos regionais. Costuma viajar para a Vila

⁴ Mercado Municipal da Francesa, também conhecido como Feira do Bagaço

⁵ Entrevista realizada em 07/24

Santana, uma vez por ano, para visitar os irmãos e parentes. Essa viagem é realizada através de barco que fazem linha para a região do Rio Uaicurapá, que fica aproximadamente há 25 km da cidade de Parintins, ou utiliza lanchas expressas. Essas redes de trocas não-mercantis, são elementos comuns nas relações cidade-interiores.

Possui um box na Feira do Bagaço (Figura 5), onde vende produtos da região como: farinha de mandioca, frutas, verduras, hortaliças, cascas de plantas medicinais, dentre outros, e todos os seus fornecedores, são das comunidades do município e de Santarém, no Estado do Pará.

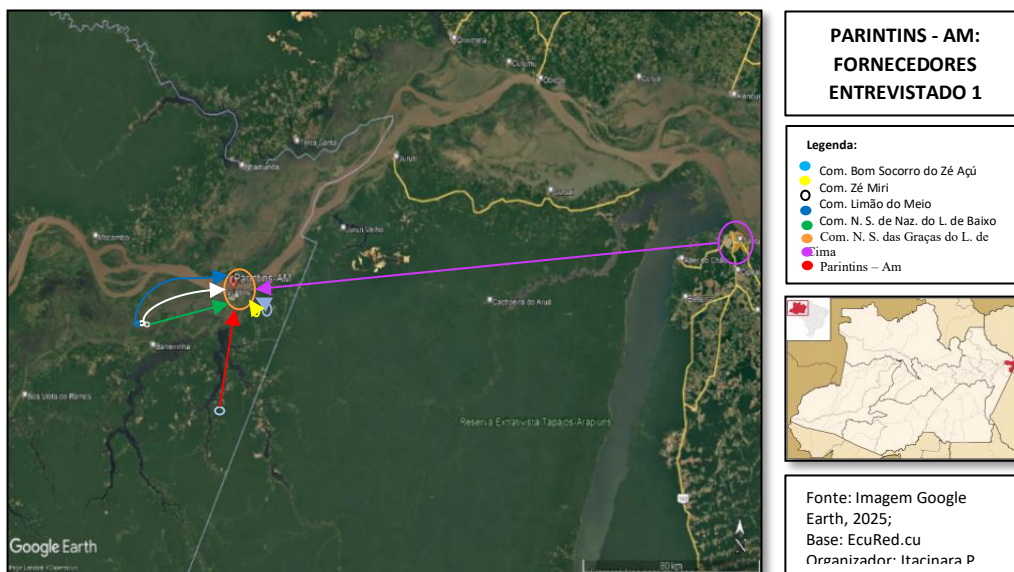
Figura 5 – Box do Sr. M.V. S. (Entrevistado 1), na feira do Bagaço



Fonte: Pesquisa de Campo (07/2024). Registro Fotográfico: Adailson de Souza.

Umas das hortaliças, vendidas em seu box, é o cheiro verde, que é fornecido pelos produtores da comunidade de Nossa Senhora de Nazaré do Limão de Baixo, que fica no Paraná do Limão, distante 17 km da sede do município. O jerimum, a Pimenta de Cheiro e a Couve (essa última, em pouca quantidade), são fornecidos pelas comunidades do Limão de Cima e do Limão do Meio. Outros produtos como: o carvão, castanha do Brasil, coco, laranja e limão, são fornecidos pelos produtores da Comunidade do Bom Socorro do Zé Açú, que fica a 14km da sede do município, conforme a (Figura 6).

Figura 6 – Mapa de Localização das Comunidades Fornecedoras para o entrevistado 1



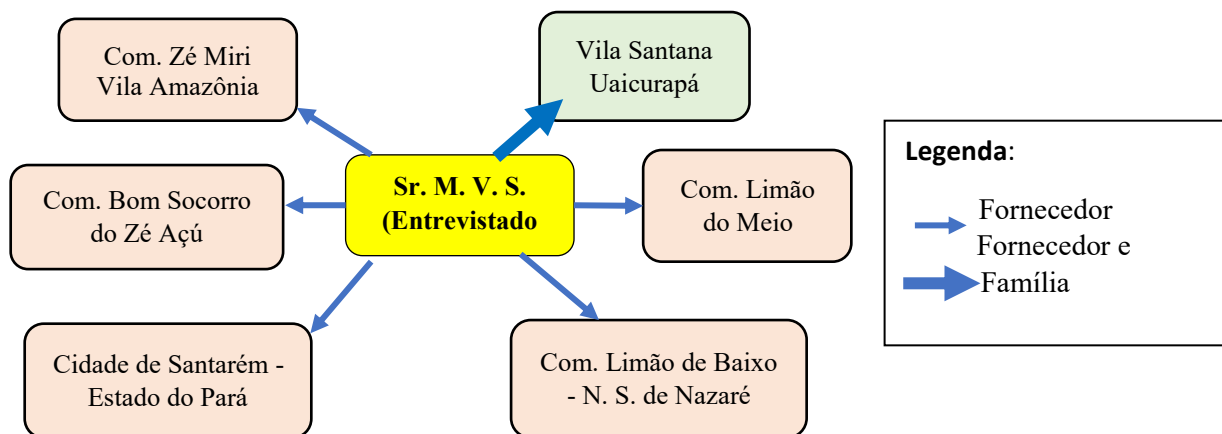
Fonte: Google Eart, EduRed.cu. Data: 29/09/2025. Organizado por: Itacinara Paulain Smith

Os seus irmãos e parentes que residem em Vila Santana do Rio Uaicurapá fornecem os produtos derivados da mandioca, como: Farinha, Tucupi, Goma de Tapioca, Casca de Plantas medicinais.

A comunidade do Zé Miri, que fica a 12 km da sede do município, fornece o caju, a banana, a graviola, o limão e outras frutas e hortaliças. E por fim, da cidade de Santarém, no Estado do Pará, ele revende a cebola, o tomate, alho, repolho, cenoura, limão e banana.

O entrevistado 1, procura vender em seu box, vários produtos regionais, como: banana, hortaliças, cascas de plantas (muito utilizada na produção de chá medicinal), a fim de atender a todos os clientes. E isso nos demonstra que a rede de sociabilidade é intensa e diversificada.

Figura 7 – Fluxograma das redes de sociabilidade na cidade e nas comunidades



Fonte: Organizado pela autora

3.2 Rede de sociabilidade a partir da pesca

O segundo entrevistado foi o Sr. M. B. F. (onde passaremos a citá-lo de entrevistado 2), tem 54 anos de idade. Morador do beco Submarino há aproximadamente dez anos. Casado, pai de três filhos, todos do primeiro casamento. Criou os filhos com a comercialização de pescados. Dos três filhos, somente uma filha mora em Parintins, no Bairro Pascoal Alágio, e os demais moram em Manaus.

No que diz respeito ao espaço urbano, o entrevistado 2, além da sua casa na cidade de Parintins, ele passa boa parte do tempo morando em seu barco, que fica ancorado na Lagoa da Francesa na época da cheia, e no período da seca os seus barcos ficam ancorados na margem do Rio Amazonas.

O entrevistado 2, trabalha com a captura, compra e venda de pescado. Possui três embarcações, uma é utilizada para pesca e as outras duas são alugadas aos finais de semana, como barco de passeio. A rede de sociabilidade do entrevistado é pequena, mas intensa, socializa com os funcionários, que dependendo da época do ano, emprega entre 12 e 18 pessoas, e com os atravessadores dos municípios que realizam a sua venda. Os funcionários recebem os seus rendimentos, conforme os dias trabalhados. Com relação a rede familiar, nos informou que o contato é apenas com os seus filhos.

Sua moradia é em alvenaria sob terreno aterrado, possui um quarto, um banheiro, uma sala e cozinha, onde vive com a atual esposa. Não possui moradia e nem terreno na zona rural. Sua renda média mensal é de R\$1.800,00 (um mil e oitocentos reais), e não recebe nenhum outro benefício. O entrevistado 2, adquire alimentos da zona rural como a banana e a farinha de mandioca, que são trocados por pescados. Não possui meio de transporte próprio, se desloca na cidade de moto táxi.

Para realizar a sua pescaria, o entrevistado utiliza a embarcação tipo batelão com um motor Yamaha de 72HP. No dia programado, sai de Parintins realizando sua pescaria. Sua pescaria inicia no Lago do Limão, (segundo o entrevistado, ainda possui bastante peixe), depois no Lago Dona Flor, em seguida no Lago do Marapá. E realiza sua primeira parada, no município de Barreirinha (AM), fica a 37 km, de distância da cidade de Parintins, cuja venda é realizada para os atravessadores⁶. Saindo de Barreirinha, reinicia sua pescaria no Lago do Marapá, no Lago Dona Flor, no Lago do Limão, e no Lago do Mauarizal, atravessa o rio Amazonas, e para

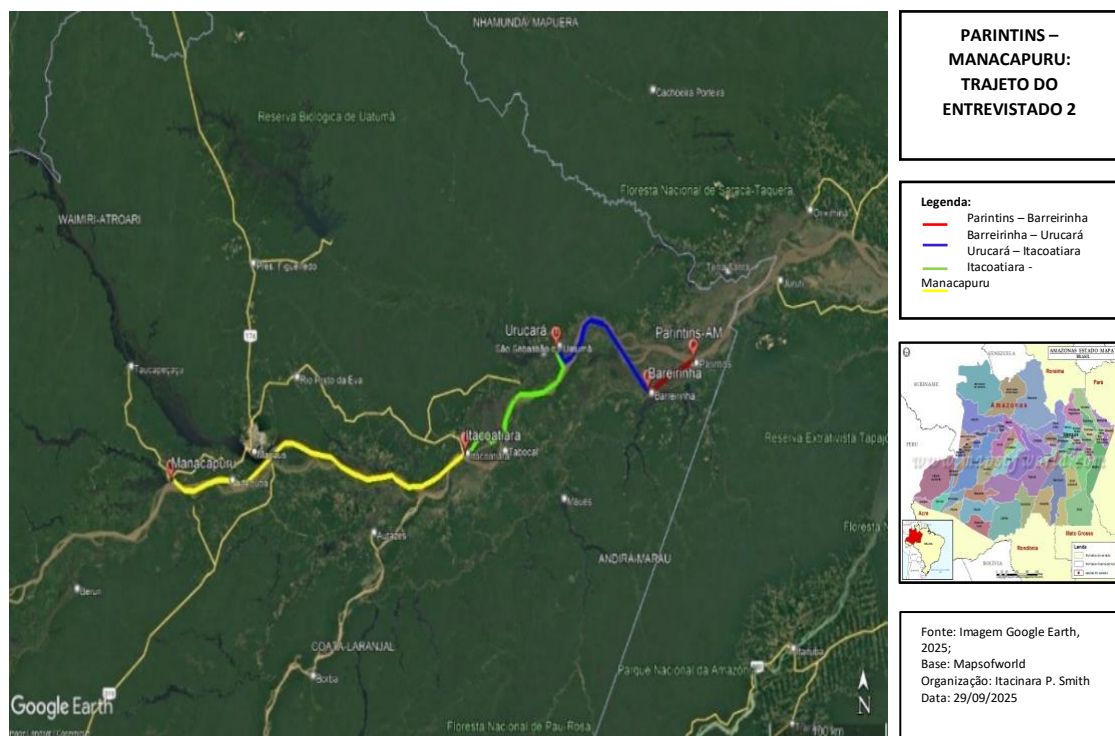
⁶ O atravessador é o agente que se ocupa com a comercialização do pescado, na feira, nas ruas e povoados

no Município de Urucará (AM) que fica a 81 km de distância do município de Barreirinha, onde realiza sua próxima venda de pescado.

Após a saída do município de Urucará, reinicia sua pescaria nos lagos da região, como o Lago do Madrubá, Lago do Canaçari, e em seguida segue para o próximo Município, de Itacoatiara (AM) que fica a 99,62 km de distância do município de Urucará, depois sobe o rio Amazonas e finaliza sua pescaria no Município de Manacapuru (AM), distante a 243,72 km de distância do município de Itacoatiara (AM).

Na (Figura 8), apresentamos o trajeto realizado pelo Entrevistado 2, representados nas seguintes cores: de Parintins até Barreirinha, na cor vermelha; de Barreirinha até Urucará, na cor azul; de Urucará até Itacoatiara, na cor verde; de Itacoatiara e Manacapuru, na cor amarelo. Nesse trajeto perfaz um total de 446,69 km.

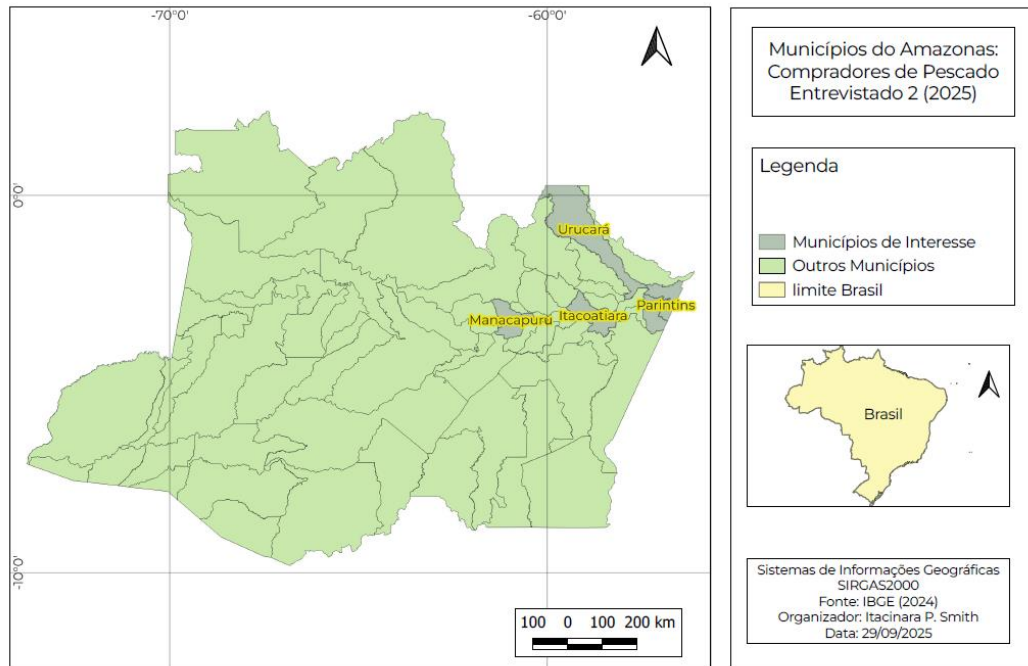
Figura – 8: Trajeto realizado pelo Entrevistado 2 em sua pescaria.



Fonte: Google Eart.com - Data: 21/08/2024. Organizado por: Itacinara Paulain Smith

Na (Figuras 9), apresentamos o mapa dos municípios, compradores de pescado do entrevistado 2. Barreirinha, Urucará, Itacoatiara e Manacapuru.

Figura 9 – Municípios Compradores de Pescado



Fonte: IBGE (2024), SIRGAS2000. Data: 29/09/2025. Organizado por: Itacinara Paulain Smith

A venda dos pescados nesses municípios, são todas realizada diretamente para os atravessadores, segundo o entrevistado, já possui compradores certos para o seu pescado, e que não vende à cambada⁷. Ao retornar para a cidade de Parintins em sua embarcação (Figura 10), não realiza pescaria. Esse percurso de Parintins / Barreirinha / Uruará / Itacoatiara / Manacapuru / Parintins, dura em média, 20 dias.

Figura 10 – Embarcação utilizada em sua pescaria e uma parte das redes de Pesca.



Fonte: Pesquisa de Campo (07/2024). Registro Fotográfico: Adailson de Souza

Para as suas pescarias, o entrevistado utiliza malhadeira específicas para cada tipo de espécie, e em determinados meses do ano. No mês de janeiro a março, utilizam malhadeiras

⁷ Quantidade de objetos pendurados, enfiados ou amarrados em algum suporte (fio, gancho, argola, pedaço de pau etc.)

específicas para capturar o Curimatã e o Tambaqui. Nos meses de maio a julho, outras malhas para a captura do jaraqui, e nos meses de agosto a dezembro, realiza o mesmo processo para capturar outras espécies. As pescas são realizadas em Lagos de várzea, e terra firme. No (quadro 1), descrevemos as espécies mais capturadas e comercializadas pelo entrevistado 2.

Quadro 1 – Relação dos pescados capturados e comercializados.

Posição	Tipos de pescados
1º lugar	Jaraqui
2º lugar	Curimatã
3º lugar	Pacu
4º lugar	Mapará,
5º lugar	Peixes de couro
6º lugar	Tambaqui (Segundo o entrevistado encontra-se em fase de extinção)
7º lugar	Espécies variadas

Fonte: organizado pela autora

O entrevistado começou a pescar desde os dezesseis anos, após o falecimento de seu pai, trabalhou em diversas embarcações todas envolvidas com pescado, ao longo dos anos, adquiriu diversas experiências, como por exemplo: perceber onde o cardume está passando, dentre outros. Sua esposa, a Sra. J. R. M., geralmente o acompanha nas viagens, fica na cozinha do barco e quando é preciso pilota a embarcação. Em conversa com a esposa do entrevistado, nos informou que aprendeu na marra⁸ a comandar a embarcação, porque muitas das vezes era preciso. Hoje, a esposa possui a carteira de Arrais Amador e o entrevistado, de Comandante. Outro detalhe, até a presente data, o entrevistado não é associado da Colônia dos Pescadores Z 17, e de nem uma outra associação.

Segundo o entrevistado, um dado interessante nos chamou a atenção, de que 30% dos seus empregados, não possuem certidão de nascimento e 20% não são alfabetizados, e isso lhe acarreta problemas, principalmente na hora de realizar os pagamentos para os seus funcionários, porque alegam que os seus ganhos estão incorretos. Não podemos afirmar, se existe exploração de mão de obra por parte do empresário.

Perguntamos ao entrevistado 2, se deixaria essa vida de pescador, por um outro trabalho, nos respondeu que não, que gosta do que faz, não saberia fazer outra coisa, e que esse trabalho já lhe trouxe muitas conquistas ao longo desses anos todos, como por exemplo, a sua casa própria, e embarcações, gosta de estar viajando, e isso lhe traz muitas alegrias, principalmente quando a pesca é boa.

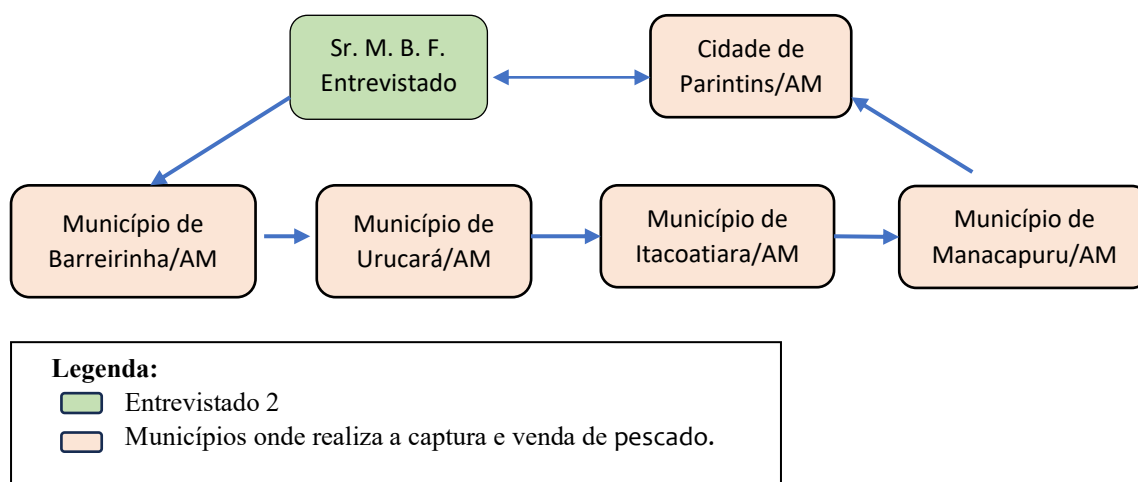
⁸ Quando você aprende ou faz algo forçado, abruptamente, com muita intensidade

Nos informou ainda, que nesses anos todos vivendo da pesca, já ajudou muita gente principalmente com a doação de pescados, e que muitas das vezes, ao encontrar pescadores no lago, tentando pescar alguma coisa, esses pescadores o procuravam para fazer a troca de combustível por pescado ou de pescado por farinha de mandioca.

As enchentes e vazantes, são circunstâncias que corroboram para que ocorra uma variação na coleta do pescado. Nos meses de outubro a março, que é o período da enchente, a pesca é farta, chegando a coletar umas 10 toneladas por viagem. Nos meses de setembro a abril, que é o período da vazante, a pesca é fraca.

Nesses anos todos de pescaria, o entrevistado nos relatou que já participou de diversos conflitos, nesses lagos em que realiza suas pescarias, mas que até o presente momento, não teve perdas, com relação ao seu pescado, nem de bens materiais. Esses conflitos, ocorrem por dois motivos, um por causa da época do defeso, e o outro por causa do lago, que muitos deles possuem “donos”, e esses donos não permitem a entrada de pescadores.

Figura 11 - Fluxograma do entrevistado M. B. F.



Organizado pela Autora

No município de Parintins, assim como em vários municípios, os munícipes retiram os seus rendimentos, da venda dos produtos provenientes da floresta, dos rios, dos lagos, da agricultura familiar, da agropecuária, dentre outros. O Entrevistado 1, obtém a sua renda, da venda em seu box, dos produtos que lhe são fornecidos pelas comunidades circunvizinhas, e o Entrevistado 2, adquire o seu rendimento, das vendas dos pescados nos municípios acima descrito, e isso faz a economia circular.

Os entrevistados, moram no beco Submarino, que está passando por um processo de reestruturação. Nesse espaço serão construídas 504 unidades habitacionais pelo Prosai Parintins

- Programa de Saneamento Integrado de Parintins, que atenderá os bairros Castanheiras, Francesa, Palmares, Santa Clara e Santa Rita de Cássia. De acordo com Costa (2024):

Além das obras de saneamento básico, serão reassentadas 832 famílias, cerca 4,1 mil pessoas que vivem em áreas de risco de alagamento, em 504 unidades habitacionais ou outras soluções de moradia de acordo com o perfil dos beneficiários.

As obras incluem ainda a construção de um novo mercado, parques urbanos, praças, ciclovias, playgrounds, quadras poliesportivas, quiosques, um Pronto Atendimento ao Cidadão (PAC) e o Centro de Qualificação da Mulher Parintinense. (Jornalismo Parintins, 19/12/2024)

Em conversa com os moradores sobre o projeto, esses apartamentos não atenderão todas as famílias, pois muitos que lá residem, dividem seus domicílios com outras famílias, como é o exemplo do Entrevista 1. Afirma que pela planta projeto, os apartamentos serão pequenos, com dois quartos, sala, cozinha e um banheiro, e a preocupação deles é que não abrigará todas as famílias.

Citam ainda, que o beco é tranquilo, e por ser um local pequeno, todos se conhecem, e que não gostariam de sair dali, porque apesar das inundações, fica perto de tudo, e próxima a orla da Francesa. E ao analisarmos a dinâmica dos entrevistados, percebemos que ambos utilizam a força centrífuga e da força centrípeta no STUR (Sistema Territorial Urbano Ribeirinho).

O sistema territorial na qual os entrevistados tiram as suas rendas, faz parte de um circuito de comercialização que incorpora a cidade e os territórios circunvizinhos. De acordo com Bartoli (2019), “O circuito de comercialização e de atividade da pesca coligam pontos da cidade a amplas faixas de territórios circunvizinhos e cidades da rede urbana regional, além de movimentar frações expressivas da economia urbana”. Esse circuito é formado por diversos nichos, não só com relação a compra de produtos regionais, mas também com relação a compra de diversos produtos que fazem a economia circular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando colaborar com estudos do STUR, a presente pesquisa objetivou analisar as territorialidades de sujeitos pertencentes à economia popular. Parintins por ser uma cidade média de responsabilidade territorial (Bartoli *et al.*, 2020), recebendo migrantes dos municípios tanto do Amazonas, quanto do Estado do Pará, as redes de sociabilidades dos sujeitos da economia popular com a cidade são intensas.

É perceptível que as redes de sociabilidade são elementos basilares para a análise sub-regional amazônica. As forças centrífugas são construídas por territorialidades com fortes laços com ambientes rurais, na produção e compra de produtos regionais. A realização da atividade da pesca, e a comercialização em outras sub-regiões do estado, indica a capacidade de deslocamento desses sujeitos, nos propiciando análise da circunscrição espacial. São pessoas dispostas a circular por circuitos extensos, demonstrando que a influência urbana vai além dos critérios tradicionais de análise.

Os atributos das redes de sociabilidade e a produção regional na Amazônia, e a relação entre cidade – interiores, economia popular e a rede de sociabilidade a partir da pesca, são subsídios que confirmam a hipótese de que a dinâmica urbano-regionais na Amazônia, e as territorialidades de setores populares tornam-se elementos imprescindíveis para que ocorra a conexão entre a cidade e territórios do entorno.

REFERÊNCIAS

BARTOLI, Estevan. **Sistemas territoriais em Parintins, (AM): mediações urbanas e ordenamento territorial**. Revista Políticas Públicas & Cidades, v. 5, n. 2, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://www.journalppc.com>. Acesso em: 09 de set. de 2024.

BARTOLI, Estevan. **Territorialidades Urbano-Ribeirinhas: O Sistema Territorial Pesqueiro de Parintins, Am/Urban-Riverine territorialities: the Parintins-AM' S fisheries Territorial System**. REVISTA GEONORTE, v. 10, n. 35, p. 38-56, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em 09 de set. de 2024.

BARTOLI, Estevan. SCHOR, Tatiana. OLIVEIRA, José Aldemir. **Cidades Médias na Amazônia: ampliando percepções sobre a responsabilidade territorial de Parintins (AM)**. *Terra Plural*, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso em 10 de set. de 2024.

BARTOLI, Estevan. **Sistemas territoriais na Amazônia e o papel das cidades para o desenvolvimento regional: a biorregião de Parintins (am)**. Eutopía. Revista de Desarrollo Económico Territorial, n. 21, p. 30-51, 2022. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec>. Acesso em: 10 de set. de 2024.

BARTOLI, Estevan. **CIUDADES EN LA AMAZONIA, SISTEMAS TERRITORIALES Y LA RED URBANA**. Mercator (Fortaleza), v. 17, p. e17027, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em 21 de ago. de 2025.

BERNARDES, Antonio. **Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções**. Formação (Online), v. 27, n. 50, 2020. Disponível em: <https://www.revista.fct.unesp.br>. Acesso em 14 de ago. de 2025

COSCIONI, Fernando José. **Reflexões sobre as posições epistemológicas de Richard Hartshorne** em *The Nature Of Geography*. 2015. Disponível em <https://revistas.usp.br>. Acesso em 12 de ago. de 2025.

COSTA, Rogério H. da (Rogério Haesbaert da), 1953 – **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea/Rogério Haesbaert**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 208p. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br>. Acesso em 12 de ago. de 2025.

COSTA, Iandro. **Prosai Parintins: Senado aprova operação de crédito de US\$ 70 milhões para obras**. 2024. Disponível em: <https://jornalismoparintins.com.br>. Acesso em: 20 de ago. de 2025.

CHRISTOFOLETTI, Antônio, 1936. **Geomorfologia**. São Paulo. Edgard Blucher. 2ª edição. 1980.

MARQUES, Rildo Oliveira. **Erosão nas margens do Rio Amazonas: o fenômeno das terras caídas e as implicações para a cidade de Parintins-AM**. 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br>. Acesso em 10 de ago. de 2025

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Erika Vanessa. **A pesquisa qualitativa em geografia**. Caderno Prudentino de Geografia, v. 2, n. 37, p. 27-55, 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br>. Acesso em 10 de ago. de 2025.

SOUZA, Agnaldo Corrêa de. **A compreensão das práticas e iniciativas locais para construção do desenvolvimento situado na Amazônia**. 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br>. Acesso em 12 de ago. de 2025.

SOUZA, Crizan Graça de. **Dinâmica das moradias: entre as ocupações Castanhal, Nova Conquista e as palafitas na cidade de Parintins-AM** / Crizan Graça de Souza. 2024. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br>. Acesso em 09 de set. de 2024.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br>. Acesso em 10 de ago. de 2025.

SOUZA, Valdilene Siqueira de. **Centralidade urbana em cidades ribeirinhas da Amazônia: Parintins-AM**. 2017. Disponível em: <https://tedehomologacao.ufam.edu.br>. Acesso em 12 de ago. de 2025.

Sobre as UC – SEMA. Disponível em: <https://www.sema.am.gov.br>. Acesso em 21 de ago. de 2025.